

PENSANDO A CIDADANIA – ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E CAPITALISTA

*Esther Maria de M. Arantes**

Sem entramos na questão propriamente filosófica que opõe, ao ocidente, razão e natureza,¹ podemos dizer, genericamente, que a relação do homem ocidental com a natureza modificou-se substancialmente com o advento do capitalismo.

Embora esta relação não possa ser entendida como de pura exterioridade – como se pudéssemos pensar o homem sem natureza ou a natureza sem o homem e embora esta relação não tenha sido nunca contemplativa, ela tornou-se, no capitalismo, basicamente utilitarista: a natureza é, primordialmente, a matéria prima da produção industrial.

Sem deixar de ser intervencionista e utilitarista, a racionalidade que hoje preside esta relação pressupõe, antes de mais nada, a busca de sua superação, procurando-se replicar ou mesmo substituir a natureza. Neste sentido, a preservação da biodiversidade, por exemplo, parece só interessar ao capital até que se

* Professora do Curso de Mestrado da Faculdade de Direito de Campos,

¹ D'AMARAL, Márcio Tavares. *Filosofia e História: as tarefas do pensamento no século vinte*. Coleção Diagrama 8. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982. Segundo o autor, a invenção da filosofia, na Grécia do século VI A.C., corresponde a uma busca de unidade que pode ser expressa nas palavras *logos* e *physis*, palavras nas quais pela primeira vez se enuncia o ser. O afastamento de *logos* e *physis*, sua tradução por natureza e *ratio* e a postulação de superioridade e dominância de um sobre outro, possibilitou que o ser tenha sido pensado preferencialmente ora como razão ora como natureza, culminando, com a crise da metafísica no século XIX, na radical historicização de todo o existente. Desta forma, as oposições entre natureza e razão, razão e natureza, natureza e história, indivíduo e sociedade, sujeito e objeto, ciência e filosofia, são formas de visibilidade da separação, epistemológica, mas não ontologicamente resolvida, entre *logos* e *physis*.

produzam as patentes dos seres vivos, possibilitando sua produção industrial e/ou de seus derivados. A própria clonagem dos animais pode ser um passo na direção de tornar obsoleta toda e qualquer consideração aos seres vivos que não seja da ordem do utilitarismo, bem como de torná-los, os próprios seres, senão obsoletos, pelo menos descartáveis.

Não escapa destas biotecnologias uma tentativa de se corrigir, geneticamente, as nossas supostas imperfeições e fragilidades.² Especula-se, inclusive, sobre a possibilidade de clonagem e modificação de animais e, quem sabe de seres humanos, para funcionarem como banco de órgãos.

Mas o desenvolvimento tecnológico atual não se restringe à genética, sendo grandes as inovações ocorridas em outras áreas como a das telecomunicações, informática e robótica, por exemplo. No entanto, embora este desenvolvimento tecnológico seja surpreendente, pode-se conjecturar, apenas disto, se este já era um caminho que vinha sendo buscado há mais tempo, inscrevendo-se no bojo do próprio projeto técnico-científico-capitalista do ocidente.³ Isto porque sabemos todos, sem nenhuma sombra de dúvida, que este

² A revista *Veja* nº 43, 29 de outubro de 1997, na página 68, traz uma reportagem intitulada "Nova Proveta", na qual se acena com a possibilidade de que em breve, as mulheres possam estocar seus óvulos para futuras gravidezes, driblando assim a menopausa. Discute-se sobre a superioridade desta técnica em relação ao congelamento de embriões, já que o pai não precisa ser escolhido com antecedência. Continua a reportagem dizendo que uma nova técnica de fertilização *in vitro* permite que o embrião seja implantado no útero até cinco dias após a fecundação, tendo, portanto, mais chance de se fixar nas paredes do útero, porque mais maduro. Além disto, esta nova técnica permite, em melhores condições, fazer o exame do embrião antes de sua implantação no útero, para ver se ele tem alguma doença genética.

³ SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice*. 2.^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996. O autor sugere que a reflexão sobre a transição entre a ciência moderna e a ciência pós-moderna – e que implica mudança de paradigma epistemológico – seja acompanhada por reflexão sobre a mudança de paradigmas societais. Isto porque a maneira de conhecer, de uma forma ou de outra, encontra-se relacionada às práticas sociais. Afirmar, por exemplo:

espantoso desenvolvimento tecnológico capaz de lançar o homem na mais fantástica aventura cósmica, mas, ao mesmo tempo, capaz de produzir os armamentos os mais impensáveis pelo comum dos homens não tem servido, nesta assim chamada nova ordem mundial, para resolver as questões mais simples da humanidade, como a fome, por exemplo.⁴

Sabemos também que a enorme produtividade conseguida pela automação tem se dado à custa do emprego de milhares de trabalhadores que se vêem, de repente, no mais completo desamparo, visto que também, do ponto de vista dos Estados Nacionais, tem havido cortes nas políticas públicas, como medida de ajuste aos novos termos desta ordem.

Assim, dado que se estreita o acesso ao mercado de trabalho, ao consumo e às diversas oportunidades, aumenta também a disparidade Norte/Sul, criando-se uma espécie de nova aristocracia que acredita, pela sua enorme riqueza e privilégios, ter a prerrogativa da existência no planeta de uma outra humanidade.⁵

Temos aqui, então, ao que parece, dois conjuntos de questões que, embora mantendo suas especialidades, se articulam, se imbricam e se agenciam, nisto que veio

" a grande novidade da biotecnologia é que ela é levada a cabo por grandes empresas multinacionais que sujeitam as patentes às descobertas biotécnicas e que, por isso privam de seus benefícios todos os que não puderem pagar os direitos autorais (royalties). Como diz Paulo Kennedy, o DNA é o grande recurso industrial das grandes empresas, que não só podem vir a substituir matérias-primas usualmente fornecidas pelos países periféricos, como pode conduzir à integração vertical da produção agrícola, colocando vastas regiões do mundo sob a alçada de umas poucas empresas multinacionais do ramo agroquímico e biotecnológico. O autor cita KENNEDY, Paul. "Preparing for the Twenties First Century", 1993.

⁴ José de Souza Martins, em palestra proferida na UERJ, no dia 22 de outubro de 1997, afirmou que, embora a Organização Internacional do Trabalho, em seu relatório de 1993, reconheça a existência de 6 milhões de trabalhadores escravos no mundo, este número deve chegar a 200 milhões, se incluídas aquelas pessoas que não são trabalhadores escravos mas que efetivamente são escravas, como é o caso de crianças vendidas como prostitutas e o comércio de esposas em alguns países.

a se chamar de nova ordem mundial. Por um lado, temos a hegemonia da nova racionalidade científica, nos modificando, modificando a nossa compreensão e a nossa maneira de nos relacionarmos com isto que seria da ordem do que chamamos de natureza e transformando, segundo Boaventura, problemas éticos e políticos em problemas técnicos (ou jurídicos). Por outro lado, a fase atual do capitalismo, dita, não sem polêmica, neoliberalismo – onde o Estado abre mão de suas responsabilidades sociais em favor da livre negociação no mercado, agora tornando quase que em absoluto – longe de significar liberdade e enriquecimento humano tem significado que existe apenas um modo sancionado de ser e de existir e que, de qualquer maneira, este modo não está disponível a todos.

Neste sentido, embora não sendo uma simples reedição do velho imperialismo de outrora, a nova ordem de agora, se achando sem relha nem peia, com a derrocada do Leste Europeu, acredita ser o único horizonte possível e a única forma de dizer o mundo⁶. Cabe a nós desejar um outro futuro, recusando a exclusão social que nos tem sido imposta como destino.

⁵ MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997. Segundo o autor, é próprio da lógica do capitalismo a inclusão e a exclusão: "A sociedade desenraíza, e exclui, para incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica" (p.32). O problema está justamente nesta inclusão, porque há uma maior demora para ser incluído e há uma degradação nesta inclusão: "Este processo que nós chamamos de exclusão não cria mais os pobres que nós conhecíamos e reconhecíamos até outro dia. Ele cria uma sociedade paralela que é incluyente do ponto de vista econômico e excluyente do ponto de vista social. Moral e até político" (p.34). Continua: "A nossa sociedade está se transformando numa sociedade dupla, duas 'humanidades' na mesma sociedade" (p.35).

⁶ GALBRAITH, John Kenneth., em 02/11/97, na folha de São Paulo, afirma: "Globalização não é um conceito sério. Nós, americanos, o inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos países".

Referências:

D'AMARAL, Márcio Tavares. *Filosofia e História: as tarefas do pensamento no século vinte*. Coleção Diagrama 8. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

KENNEDY, Paul. *Preparing for the Twenties First Century*, 1993.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice*. 2.^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.